

O MANUAL DA BRUXA

para
COZINHAR
CRIANÇAS



Keith McGowan

Ilustrações de
Yoko Tanaka

Tradução de
Augusto Pacheco Calil


CIA. DAS LETRAS

Copyright do texto © 2009 by Keith McGowan
Copyright das ilustrações © 2009 by Yoko Tanaka

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

The witch's guide to cooking with children

Revisão

Isabel Jorge Cury

Ana Luíza Couto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

McGowan, Keith, 1968-

O manual da bruxa para cozinhar crianças / Keith McGowan ;
ilustrações de Yoko Tanaka ; tradução de Augusto Pacheco Calil.
— São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

Título original : *The witch's guide to cooking with children.*

ISBN 978-85-359-1647-8

1. Ficção australiana I. Tanaka, Yoko. II. Título.

10-02441

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura australiana 823

2010

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707 3500

Fax: (11) 3707 3501

www.companhiadasletras.com.br

CAPÍTULO



Sol e Connie

Segunda-feira

Solomon e Constance Blink — Sol e Connie eram os seus apelidos — mudaram-se para a cidade de Schoneberg num dia quente em meados de agosto. Sol tinha onze anos e Connie, oito.

Os raios do sol de fim de tarde passaram pelas montanhas e chegaram até o novo quarto de Sol enquanto ele desfazia as malas. Já tinha desempacotado um telescópio e um microscópio. Esses instrumentos permitiam que ele espiasse outros mundos, os quais por vezes pareciam mais atraentes do que o nosso.

Ele examinou os instrumentos, a mão no queixo, o cabelo comprido caindo-lhe sobre os ombros.

A seguir desempacotou uma caixa de livros de ciências,

conferindo os títulos enquanto os organizava e empilhava. A maioria dos livros tinha um aspecto avançado, quase como as obras que os cientistas devem ter nas suas prateleiras. Sol era um garoto muito inteligente, como se pode ver.

Entretanto, sua inteligência não tinha ajudado a fazer dele o garoto mais popular da escola. As vagas de segundo a centésimo garoto mais popular também já estavam ocupadas.

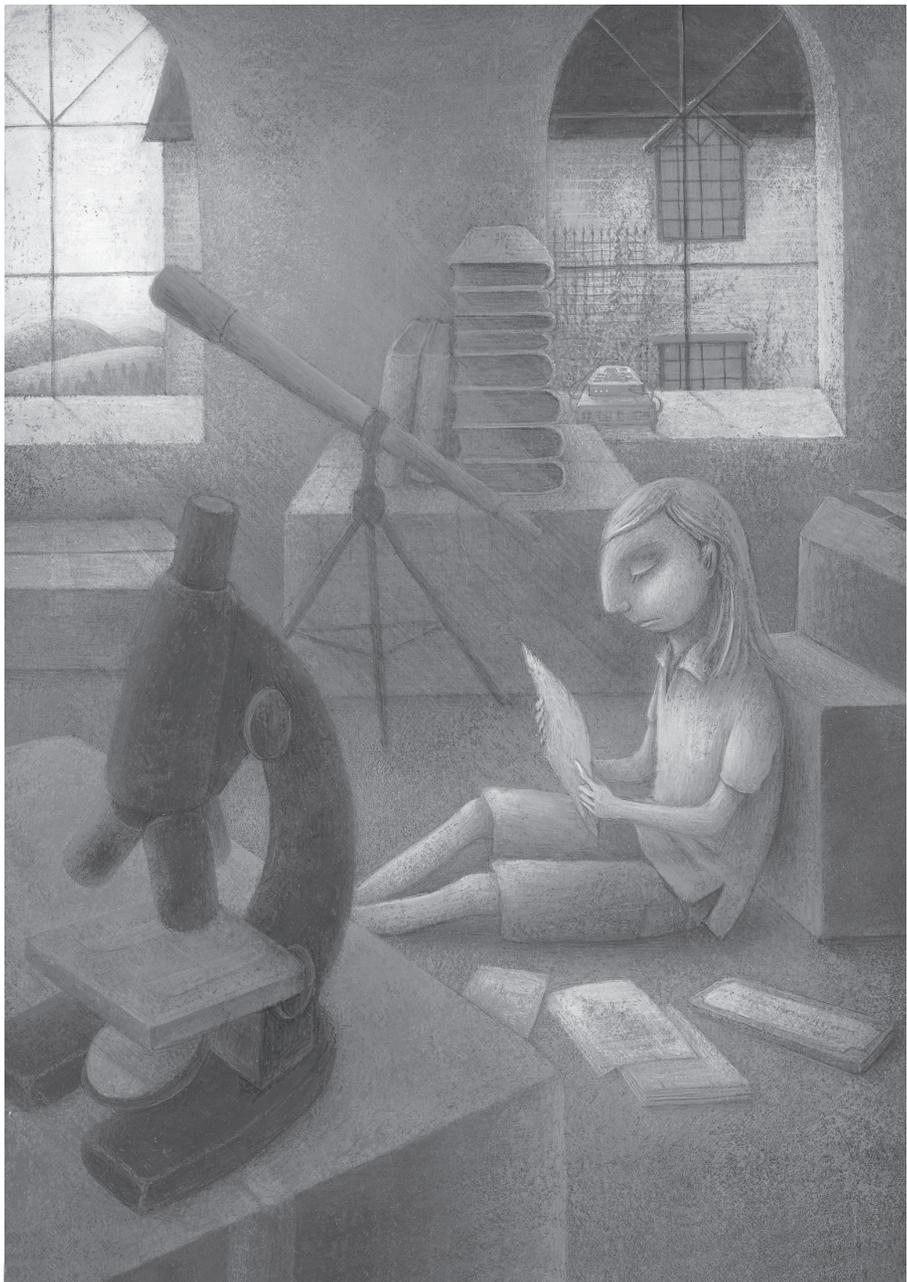
Sol deve ter se lembrado de sua antiga escola bem naquele instante, pois seus lábios se retorceram até formarem uma careta. Talvez ele estivesse se lembrando do pior dia da sua vida. Na última primavera.

O Dia Terrível...

Ele não fazia ideia de que um dia ainda mais terrível o aguardava.

A próxima caixa aberta por Sol continha um dispositivo curioso, que ele retirou cuidadosamente do invólucro. O dispositivo era algo que ele mesmo tinha feito. Era composto de um conjunto de CPUs — unidades centrais de processamento — no centro, e um polvo de fios conectando as CPUs a uma tela. Essa tela exibia, na ordem, a temperatura, pressão barométrica, horário e, a partir de todas essas informações, uma estimativa das condições climáticas do momento.

A tela mostrava “27°C, 855 MB, 16x02” e “ENSOLARADO”, todas elas informações corretas.



Sol sorriu e deu uma breve fungada. Ele depositou o dispositivo cuidadosamente sobre o parapeito da janela, e então se voltou para as demais caixas.

Numa delas, ele encontrou o velho tratado científico de sua mãe, amarelado e desgastado. Cientista talentosa, a mãe de Sol e Connie tinha viajado havia muitos anos para estudar o aquecimento no oceano Antártico. Lá ela fez uma descoberta de grande importância: a banquisa estava se derretendo num ritmo alarmante. Infelizmente, ela fez essa descoberta enquanto estava sobre a banquisa, a qual, como previsto, derreteu-se e afundou no oceano. Nunca mais se soube nada a respeito dela. Apesar disso, os resultados das suas pesquisas, transmitidos pelo rádio, sobreviveram e foram muito festejados pelo mundo científico.

Sol passou alguns minutos folheando a obra de sua mãe, e então seus olhos se deitaram sobre aquilo que estava sob o livro, uma placa que sua irmã, Connie, havia lhe dado na última primavera. Na placa estava escrito: MUITOS DOS FRACASSOS DA VIDA SÃO PROTAGONIZADOS POR HOMENS QUE NÃO PERCEBERAM O QUANTO ESTAVAM PERTO DO SUCESSO QUANDO DESISTIRAM — THOMAS EDISON. Ele virou a placa com os dizeres para baixo e depositou-a numa caixa sobressalente junto com alguns livros velhos.

Depois de algum tempo Sol deu um jeito em uma caixa

sem nenhum rótulo, toda coberta de fita adesiva, a qual ele não abriu. Em vez disso ele a empurrou para o canto mais fundo do seu novo armário, como se nunca mais quisesse vê-la novamente.

Então saiu do quarto para ver como estava indo o restante da mudança, e descobrir o que sua irmã mais nova estava fazendo.

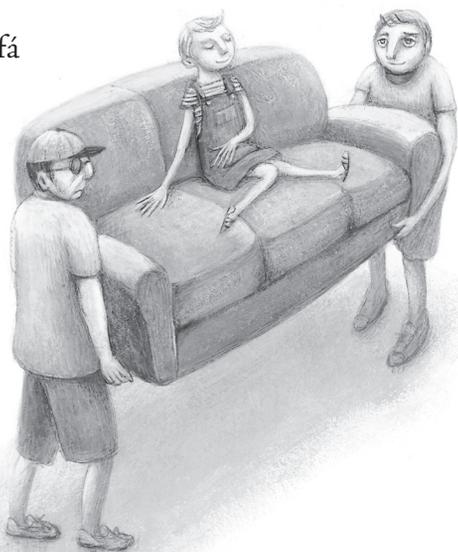
Connie era muito diferente do irmão. Naquele momento ela estava do lado de fora do prédio de dois andares, exatamente ao lado do caminhão de mudança. Tinha subido no sofá da família enquanto dois dos carregadores o apanhavam. Assim, os rapazes carregaram o sofá e Connie por sobre a grama e para dentro do pequeno prédio, ela sentada de costas eretas feito uma rainha, acenando lentamente, primeiro à esquerda e depois à direita, para uma plateia imaginária de observadores. Esses observadores estavam, na cabeça dela, acompanhando a sua entrada brilhante e importante enquanto era carregada para o seu novo lar. No saguão do lado de fora do apartamento, um vizinho chegou a abrir a porta para ver o que estava acontecendo. Connie presenteou o vizinho com um aceno e um meneio elegante da cabeça.

Vendo Connie se divertindo naquele dia, ninguém poderia adivinhar que ela guardava um segredo de seu irmão. Mas também não era possível adivinhar o quanto ela sentia

a falta do seu velho gato, Quantum, e ela sentia muita falta de Quantum. Não é que Connie não ficasse triste com o que aconteceu ao gato, e nem se sentisse culpada por guardar um segredo do irmão. Mas é que ela não era do tipo que gosta de se lamentar.

Quanto à aparência, Connie era lépida e flexível. Seu cabelo era bem curto, e as orelhas grandes se projetavam nas laterais da sua pequena cabeça, possivelmente assim dispostas para permitir que certos comentários passassem rapidamente de um ouvido para o outro, gastando o menor tempo possível no percurso entre eles. Comentários como o surto de seu pai quando os carregadores da mudança trouxeram ao apartamento não apenas o sofá, mas Connie também.

“Connie! Desça desse sofá imediatamente!”, disse o sr. Blink. A sra. Blink — que tinha se casado com o pai de Sol e Connie pouco antes da mudança — desviou o olhar das caixas que estava desempacotando e balançou a cabeça, estupefata.



Mas Connie demorou um segundo para atender à ordem do pai. E assim ela deslizou para fora do sofá logo que os encarregados da mudança o depositaram no chão, completando seu passeio em grande estilo.

Sol saiu do quarto naquele momento e viu que o pai e a madrastra estavam irritados. Ele foi rapidamente até a cozinha para se servir de um copo de água gelada — fazia muito calor naquela segunda-feira — e depois voltou dizendo: “Connie, quer ir até o parque?”.

Connie fez que sim com um movimento de cabeça.

“Podemos ir, papai?”, perguntou ele.

“Qualquer coisa que tire vocês daqui”, respondeu o sr. Blink, “será bem-vinda.”

Sol e Connie encontraram um frisbee e uma bola de tênis em uma das caixas que estavam na sala. Antes de irem embora, Sol viu sobre o balcão seu copo de água com gelo, agora quase só gelo, e teve a ideia de ensinar algo a Connie.

“Venha ver uma coisa.” Ele a levou até a cozinha, pôs mais água no copo e acrescentou mais um par de cubos de gelo. “Vou deixar marcado o nível da água.” Ele encontrou um pouco de fita crepe e a utilizou para fazer a marcação. “Agora diga-me, quando voltarmos e o gelo já tiver derretido, o nível da água estará mais alto ou mais baixo do que agora?”

“Mais alto”, disse Connie.

“Por quê?”

“Porque quando o gelo derreter haverá mais água, e por isso o nível subirá.”

“Tem certeza?”

“Sim.”

“Está disposta a apostar? Tem algum dinheiro?”

Connie conferiu. “Três dólares.”

“Quer apostar os três dólares?”

“Claro, aposto três dólares que o nível da água estará mais alto”, disse ela, teimosa. “E você, o que acha? Acha que o nível estará mais baixo?”

“Não. Acho que estará exatamente no mesmo ponto depois que o gelo derreter. Quer retirar a aposta?”

“Não!”, disse Connie, pois ela não era do tipo que desiste. Mas Connie também não era do tipo que perde uma aposta, especialmente se esta envolve seu próprio dinheiro. E assim ela deu um jeito de voltar sorrateiramente, quando estava indo embora com o irmão, para colocar só mais um pouco de água no copo. Então ela alcançou Sol. Connie suspeitava que seu irmão sabia mais do que ela a respeito dessa questão científica. Mas ele não era tão sabido a ponto de faturar os três dólares dela. Disso ela tinha certeza.